



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

O PEDAGOGO ESCOLAR – DA INSUFICIÊNCIA CONCEITUAL À UMA ATUAÇÃO COERENTE E COMPROMETIDA

MACEDO, Eliane dos Santos (PG), Pedagogia, FACINTER, esmacedo@yahoo.com.br¹

STOCKMANN, Jussara Isabel (Or), Pedagogia, FACINTER,

jussarasaldanhacosta@hotmail.com²

RESUMO: Este artigo foi elaborado como requisito curricular de conclusão do curso de Especialização em Gestão do Trabalho Pedagógico: Orientação e Supervisão Escolar da Facinter e apresenta um panorama teórico conceitual direcionado ao Pedagogo enquanto um profissional unitário na Gestão do Trabalho Pedagógico das escolas da Educação Básica. Procura estabelecer uma análise histórica da pedagogia como uma área de conhecimento responsável em formar o profissional habilitado, entre outros, para atuar na mediação pedagógica dos espaços educativos, enfocando as inúmeras insuficiências e debates que acompanharam a identidade do curso e do profissional por ele formado. Aponta um estudo de caso realizado em uma escola estadual do NRE de Goioerê, interior do Paraná, com o objetivo de identificar possíveis negligências quanto ao conceito e praticidade do trabalho do pedagogo nesta instituição.

Palavras-chave: Pedagogo. Identidade profissional. Estudo de Caso. Trabalho de Conclusão de Curso.

1 INTRODUÇÃO

Pensar a educação formal, sua estrutura e finalidades sociais, implica observar os sujeitos que norteiam a ação educativa e que permitem o seu direcionamento de forma coerente e efetiva, segundo os objetivos e finalidades propostas na instituição de ensino.

Chama-se a atenção neste artigo para o Pedagogo, um dos sujeitos do processo educativo, considerado o mediador e gestor pedagógico da escola, que em sua atuação encontra desafios consideráveis, que serão aqui analisados.

1 Graduada em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão no ano de 2009. Atualmente cursa a Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Especialização em Gestão do Trabalho Pedagógico: Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade Internacional de Curitiba.

2 Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, Tutoria em EaD, Metodologia de Ensino Religioso, Informática na Educação e Mestre em Engenharia da Produção. Professora na UNICENTRO e Professora Tutora na FACINTER.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Inúmeras vezes o desenvolvimento do seu trabalho é visto de forma vaga e errônea pelos segmentos escolares e em situações extremas, por si mesmo, apontando um quadro que o acompanha historicamente: a insuficiência identitária e operacional de sua profissão.

O presente artigo motivou-se pela necessidade de rever conceitos de senso comum direcionados a identidade do pedagogo, tais como os discursos veiculados de sua importância marginal na escola, bem como do desconhecimento que o profissional possui de suas reais funções.

Neste sentido, visa estabelecer o processo histórico da profissão pedagogo em suas implicações conceituais e operacionais, a fim de elencar subsídios que o apontem como imprescindível na escola e sua gestão.

Apontará por meio de um estudo de caso a visão de pedagogo em uma escola da rede estadual de ensino, localizada no noroeste do estado do Paraná com vistas a perceber como ocorre a sua atuação.

Em suma este artigo aponta teórica e praticamente a concepção de pedagogo elencada historicamente. Verifica se na atualidade ainda existem insuficiências quanto a sua atuação nas escolas básicas e desconstrói o senso comum que o descaracteriza, como meio de evidenciar um Pedagogo com funções definidas, coerentes, efetivas, aceitas e valorizadas na instituição escolar.

2 O PEDAGOGO AO LONGO DO TEMPO – ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E LEGAIS

A educação escolarizada é um direito fundamental de todos os sujeitos enquanto respaldo para sua humanização, por meio dos saberes científicos transmitidos na escola a partir dos conteúdos curriculares de ensino. Como tal, a escola adquire sentidos e valores imprescindíveis à formação humana, pois, é o espaço formal da sistematização da educação.

Ao evidenciar a não neutralidade da escola e seus profissionais Luckesi (1994) chama atenção para a dinâmica existente entre Escola/Sociedade, pois nesta relação, as práticas de ensino e políticas educativas a elas associadas são influenciadas pelo contexto



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

social mais amplo de inserção da escola, que por sua vez por meio do currículo, interfere na sociedade e suas relações essenciais.

A escola está imbricada na engrenagem social, e ao mesmo tempo em que recebe interferência desta sociedade, também pode interferir. Assim, a efetivação da educação ocorre por meio das relações estabelecidas entre os seres humanos, as quais não são homogêneas ou lineares, mas contraditórias e históricas, fruto das diferenças e interesses antagônicos. Neste contexto contraditório a escola é um espaço de muitas possibilidades, e uma mediação coerente com o projeto de sociedade e ser humano que se quer é fundamental para direcionar o trabalho com a qualidade esperada para a escola pública. Este projeto social refere-se intencionalidade que se expressa no ato educativo, e na organização do trabalho pedagógico da instituição, na medida em que explicita em seus documentos a concepção, a base filosófica que permeia a organização e o fazer pedagógico da escola. (BONKOSKI, s.d, p. 8)

Diante essa dinâmica, aos professores, equipe pedagógica, diretor e demais funcionários escolares são exigidos requisitos que garantam a efetividade de práticas que contemplem uma educação respaldada em princípios de qualidade.

O papel do pedagogo como mediador dos processos pedagógicos e gestão escolar, torna-se necessário para o desempenho da escola e suas finalidades, visto a dinamicidade das relações educativas, pois subsidia as práticas nela desenvolvidas de maneira fundamentada.

Faz-se necessário um claro entendimento, por todos os que trabalham com a formação desse profissional, da sua importância como mediador e gestor de práticas comprometidas com a coletividade e com a democratização de todos os espaços de atuação do mesmo [...] (SILVA; LEITE, 2010, p. 8)

Ressalta-se que o pedagogo gestor e profissional unitário³ como o conhecemos na atualidade segundo o instituído nas Diretrizes Curriculares de 2006, nem sempre teve esse perfil, pois, em sua história muitas foram as insuficiências, compartimentações, finalidades e conceitos a ele atribuídas.

Embora importante para o desempenho da escola, o pedagogo possuiu uma história de desafios e insuficiências e como chamam a atenção Silva e Leite (2010) é necessário reconhecer a identidade do pedagogo evitando a descaracterização de seu papel efetivo.

Para a compreensão do Pedagogo é relevante salientar a historicidade do seu curso formativo. Silva (2004) aponta que o curso de pedagogia surgiu no ano de 1939, na então

3 O termo unitário refere-se a atuação não compartimentada do Pedagogo nas funções de orientação e supervisão escolar da Gestão do Trabalho Pedagógico.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Faculdade Nacional de Filosofia com a finalidade de adequar seus currículos para a formação de licenciados e bacharéis.

Silva (2004) acrescenta que este correspondia ao esquema denominado 3+1, com o qual os estudantes formavam-se bacharéis em 3 anos e se optassem pela licenciatura estudavam mais um ano para adquirir conhecimentos de Didática.

Quando foi criado o curso de pedagogia, em 1939, ele se destinava a formar bacharéis (técnicos de educação) e licenciados em pedagogia, inaugurando o que veio a denominar-se esquema 3+1, com blocos separados para o bacharelado e a licenciatura [...] (LIBÂNEO; PIMENTA, 1999, p. 243)

Essas características pontuavam um curso com finalidades compartimentadas sem a pretensão de contemplar a educação enquanto um contexto dialético.

Para Silva (2004) com os critérios estabelecidos pelo esquema 3+1 formavam-se bacharéis sem elementos que o caracterizassem para a atuação na Gestão Escolar, o que evidenciou uma das muitas fragilidades que acompanhariam o curso no decorrer do seu desenvolvimento.

Coadunam com este pensamento Almeida e Soares (2010, p. 13) ao especificarem que “historicamente, o papel do pedagogo escolar foi marcado, em sua formação e atuação, pela fragmentação em diversas habilitações (supervisor, orientador, inspetor, administrador, entre outras)”.

Com relação a compartimentação das funções do pedagogo, respalda (Bomfim, 2009) que já na década de 1920 sob a nomenclatura de supervisor, o pedagogo atuava na racionalização do processo de ensino dividido em funções administrativas e pedagógicas.

Foi, contudo, durante a Ditadura Militar que a compartimentação do Pedagogo e suas funções profissionais alcançaram grandes proporções, associando-se a lógica mercadológica deste regime, que responsabilizava a escola e seus profissionais pela formação do “Capital Humano”.

Este foi mais um momento de transformações para o curso de pedagogia e bastante consistente para o processo de construção da identidade do pedagogo. Nesse sentido as habilitações contribuíram para a fragmentação das funções do pedagogo, acompanhando o movimento do mercado de trabalho. (SILVA, 2008, p. 553)



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Neste contexto exigia-se a atuação de um orientador com relação direta com alunos e pais e o supervisor responsável em observar e auxiliar o trabalho docente dos professores da instituição.

Relembra-se neste ponto, que a relação destes profissionais na escola voltava-se essencialmente a práticas coercitivas e alienadoras:

[...] seguindo os mesmos padrões das fábricas o supervisor escolar seria o responsável na escola em garantir o sucesso da produção, através de práticas fiscalizadoras e de controle, imprimindo na sua função uma marca difícil de ser apagada, a de fiscalizador [...] (BOMFIM, 2009, p.3)

O resultado destas insuficiências incidiu para a legitimação de discursos de senso comum e do desconhecimento da identidade conceitual e prática dos pedagogos, refletindo-se na dificuldade em estabelecer um apontamento específico para a atuação deste profissional.

Muitos cursos ofertavam a formação do pedagogo separada em orientação, supervisão, administração escolar e outras, onde os interessados pelo curso deveriam optar por uma das habilitações pertinentes a formação oferecida na instituição.

Insatisfeitos com este processo muitos profissionais da pedagogia mobilizaram-se no sentido de sanar as deficiências de sua profissão tanto conceituais quanto operacionais e no cenário nacional algumas propostas foram cogitadas como meios de equalizar os embates já existentes desde a década de 1930 a respeito da formação de bacharéis e licenciados.

Entre os debates pode-se evidenciar os pertinentes a instituição da atual Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia (2006) os quais direcionavam-se por meio de propostas, para a possibilidade de suprir as polêmicas de âmbito conceituais, operacionais, base formativa e outras que descaracterizavam o pedagogo.

Segundo Evangelista (2005) três propostas foram encaminhadas ao cerne das discussões das diretrizes: o Conselho Nacional da Educação - CNE, a ANFOPE e os Profissionais da área, apresentaram suas proposições com a finalidade de legitimar um papel claro e objetivo ao formado em pedagogia, a fim de resolver as insuficiências constituídas historicamente a esse profissional.

Em suma as propostas eram as seguintes como expõe Evangelista (2005): o CNE evidenciava o papel do pedagogo enquanto um profissional capacitado para a atuação tanto na área docente quanto nos processos administrativos escolares; a ANFOPE, por sua vez, expunha o pedagogo como um profissional da educação básica, responsável na produção e



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

difusão de conhecimentos; para os educadores da área, a pedagogia consistia em uma atividade não docente, e como tal, a formação de seus profissionais não deveria ter como base a docência e sim a gestão do trabalho pedagógico.

Embora tenham ocorridos inúmeros debates, foi a proposta do CNE que prevaleceu quando da homologação das Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, com a qual o campo de atuação do pedagogo passou a abranger as seguintes dimensões:

Docência na educação infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas do curso de Ensino Médio na modalidade Normal, assim como em Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, além de em outras áreas nas quais conhecimentos pedagógicos sejam previstos; Gestão educacional, entendida numa perspectiva democrática, que integre as diversas atuações e funções do trabalho pedagógico e de processo educativos escolares e não- escolares, especialmente no que se refere ao planejamento, à administração, à coordenação, ao acompanhamento, à avaliação de planos e de projetos pedagógicos, bem como análise, formulação, implementação, acompanhamento e avaliação de políticas públicas e institucionais na área de educação; Produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional. (BRASIL, 2006, p. 8)

Com as diretrizes ampliou-se o campo de atuação do pedagogo, tornando-o um profissional uno, tendo a docência enquanto base formativa, sendo Pedagogo o nome atribuído ao responsável pela mediação da gestão e dos trabalhos pedagógicos escolares, capacitado ao desenvolvimento de ações supervisoras, orientadoras e a própria docência nos níveis de ensino que lhes competir atuar.

Esse pedagogo unitário é a síntese proposta ou sonhada de um profissional que tenha uma sólida formação teórica, um compromisso político e uma clareza das questões sociais emergenciais que se põem diante da escola. É um profissional que, aliado ao professor, enfrenta alguns desafios que a realidade impõe. (URBANETZ; SILVA, 2008, p.45)

Embora tenha solucionado as insuficiências identitárias e acabado com as habilitações compartimentadas, a instituição das Diretrizes acarretaram em outra problemática, como evidenciam Aguiar [et al] (2006) centrada no crescimento de faculdades oferecendo o curso de Pedagogia, sem respaldo e subsídios para a formação exigida a este, mesmo que, como apontam Almeida e Soares (2010) as diretrizes tenham estipulado que os cursos atentassem significativamente a formação das áreas de atuação do pedagogo.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Estudiosos como Libâneo (2006) questionam a efetividade da formação dos cursos embasados nas Diretrizes atuais da Pedagogia, visto a amplitude de habilitações e funções a serem exercidas pelo egresso deste curso.

Libâneo (2006, p. 12) enfatiza esta questão ao pontuar que “[...] é difícil crer que um curso com 3200 horas possa formar professores para três funções, que tem cada uma, sua especificidade: a docência, a gestão, a pesquisa, ou formar, ao mesmo tempo, bons professores e bons especialistas, com tantas responsabilidades profissionais”.

Estas insuficiências são refletidas na forma como o pedagogo se reconhece e em consonância o trabalho por ele executado. Lopes (s.d) chama atenção para esta realidade que postula a dificuldade dos pedagogos em atuarem coerentemente nas escolas, desempenhando funções que limitam sua atuação profissional.

A função do pedagogo na escola é descaracterizada por atividades que imputam a ele a exigência de ações imediatas e não planejadas. A necessidade dessas intervenções não são desconsideradas, no entanto, a organização do trabalho do pedagogo por meio de um plano de trabalho deverá, no processo de construção da identidade, ser apresentado a comunidade escolar como resultado de reflexões acerca do que vem se apresentando cotidianamente, de forma elaborada, para que todos os envolvidos no processo pedagógico visualizem o que faz um pedagogo na escola. (LOPES, s.d, p. 3)

Ainda em Lopez (s.d) acrescenta-se o desconhecimento de muitos pedagogos em relação a sua identidade e papel profissional, o que fomenta visões alienadas e deturpadoras do seu trabalho nas escolas.

“[...] de forma geral a visão que alguns educadores têm do trabalho do pedagogo é equivocada e este foi provocado pelo próprio pedagogo que, talvez por não ter definido seu papel na escola, tornou-se um mero tarefeiro”. (LOPES, s.d, p. 3)

Bonkoski (s.d) ao citar Santos e Santos 2009 afirma que o pedagogo, caso desconheça seu papel profissional e atuação efetiva na escola, permanecerá sendo apenas um funcionário escolar junto à direção, não compreendendo as potencialidades de sua ação nesta instituição.

Bomfim (2009) defende a este respeito a importância de uma formação inicial coerente enquanto respaldo para a atuação destes profissionais nas escolas e desenvolvimento de práticas significativas.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Neste sentido, o pedagogo, compreendendo a especificidade de sua formação, em que estuda a história da educação, as concepções e ideologias presentes, as práticas pedagógicas utilizadas, o estudo da didática e a análise do contexto social, político e econômico, com um olhar voltado a formação da pessoa, torna-se um agente importante [...] (BONKOSKI, s.d, p. 11)

É necessário, nas palavras de Libâneo (2002) entender quem é o pedagogo tanto por ele quanto pelos demais segmentos escolares, enfocando qual a sua identidade e sentido profissional, de modo a apreender como este atua nos espaços educativos da educação básica.

Primeiramente se esclarece que em razão de sua base formativa é um docente, atuante nas séries iniciais, educação infantil e níveis que exigem sua atuação, bem como, capacitado para a gestão pedagógica da escola, função está priorizada para os fins deste artigo.

Para Martins (s.d) o pedagogo é considerado o mediador do trabalho pedagógico da escola pois “[...] responde pela medição, organização, integração e articulação do trabalho pedagógico, garantindo a Gestão Democrática como princípio. (MARTINS, s.d, p. 2)

Sendo mediador, como enfatiza Bonkoski (s.d, p. 9) o pedagogo possui “[...] um grande espaço de intervenção pedagógica, na medida em que reconhece as dificuldades enfrentadas na escola e, juntamente com seus pares, intervêm pedagogicamente na busca da qualificação do processo educativo”.

Neste processo de mediação exerce as funções de supervisor e orientador escolar, como meio de contemplar diversos segmentos escolares que necessitam de sua ação imediata (professores, alunos, pais, aspectos técnicos do trabalho pedagógico, dentre outros).

“A atuação do pedagogo está em orientar e supervisionar [...] através de trabalhos coletivos [...] para melhor compreensão do processo pedagógico da escola [...]”. (SILVA; LEITE, 2010, p.12)

Pressupõe-se, deste modo, que o pedagogo tem como responsabilidade propiciar momentos planejados que visem contemplar a participação efetiva dos membros escolares em prol de uma educação coerente.

Como gestor do trabalho pedagógico tem como base de sua atuação a Gestão Democrática, pois “[...] é o articulador dessas propostas na instituição escolar, ele é quem



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

organiza e planeja essas atividades essenciais para se obter uma educação democrática [...]”. (SILVA; LEITE, 2010, p. 10)

Silva e Leite (2010) esclarecem que o pedagogo é uma figura importante na mediação das práticas de uma gestão Democrática, conscientizando os segmentos escolares da funcionalidade de um trabalho coletivo, com participação concreta e efetiva da comunidade escolar.

Silva e Leite (2010) propõem que o pedagogo seja atento a diversidade do trabalho pedagógico, apreendendo a dinamicidade das relações que interferem a escola e as interferências desta na sociedade, refletindo constantemente sobre estes fatores, a fim de contribuir para uma educação humanizadora e formadora da consciência crítica dos educandos.

Na convicção de que o pedagogo é o profissional que, em função das bases pedagógicas de sua formação, tem o domínio dos conhecimentos necessários para articular, a partir de um trabalho coletivo que envolva toda a comunidade escolar, a organização de um processo de ensino-aprendizagem que se coloque nessa direção (de um projeto contra-hegemônico de sociedade) e, portanto, a favor da democratização do conhecimento e da consequente humanização do homem. (ALMEIDA; SOARES, 2010, p. 10)

Ao atuar na Gestão do Trabalho Pedagógico o pedagogo auxilia a organização de práticas direcionadas ao cumprimento de uma proposta crítica e humanizadora de educação, uma vez que possui saberes mais completos sobre a fundamentação da educação e seus métodos se comparado a outros licenciados.

Para Martins (s.d, p.10), o Pedagogo “[...] por sua formação pedagógica, com carga horária bem maior do que as outras licenciaturas, conta com fundamentação teórica mais consistente [...] para o cumprimento da função social da escola: domínio dos conhecimentos científicos, humanização e democratização da escola”.

Em síntese, evidencia-se que em sua atuação na gestão pedagógica o licenciado em pedagogia/Pedagogo exerce a importante função de mediar as ações democráticas, dirigidas com o fito de cumprir a função social da escola. Neste processo elencará em sentido de práxis a operacionalidade dos saberes por ele apreendidos em seu processo formativo, tanto inicial quanto continuado, respaldando por meio de suas práticas a constituição de uma visão coerente sobre sua profissionalidade, refutando discursos como “Ah... pedagogo, o que é isso?”, “pedagogo é uma pessoa técnica que fica em uma salinha



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

na escola” ou piadinhas como “Trabalho de pedagogo é igual cabeça de bacalhau, todos sabem que existe, mas ninguém nunca viu”.

Deste modo, sendo o profissional da e para a práxis educativa, o pedagogo é o mediador da Gestão Democrática, tendo como suporte o trabalho pedagógico fomentado por uma atuação comprometida e efetiva.

3 METODOLOGIA

Foram consideradas para a realização deste trabalho a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso como subsídios de aprofundamento da temática escolhida.

A pesquisa bibliográfica consiste na alocação de conhecimentos já sistematizados na área que se deseja estudar, presente em livros, artigos, documentos dentre outros que corroboram a visão teórica da temática de pesquisa.

Como evidencia Macedo (1994, p. 13), “é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédias, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses etc.) [...]”.

No que se refere ao estudo de caso, o mesmo consistiu em observações, entrevistas, análises qualitativas da realidade e outros procedimentos que permitiram visualizar e comparar juntamente com os referenciais teóricos a realidade da escola e a visão de pedagogo por ela sistematizada, contemplando a concepção do próprio pedagogo de si e seu trabalho, bem como a visão elencada pelos demais segmentos escolares.

“O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade [...]”. (GOLDENBERG, 2007, p. 33)

Para Goldenberg (2007), o estudo de caso apropria-se de uma diversidade de procedimentos com os quais o pesquisador poderá analisar de forma ampla uma determinada realidade. Neste sentido, considerar-se-á a seguir a descrição do estudo de caso realizado para corroborar a teoria já expressa neste artigo.

VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

4 ESTUDO DE CASO

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual localizada na região noroeste do Paraná sob jurisdição do Núcleo Regional de Goioerê, a qual possui cerca de 400 alunos, 31 professores, 13 funcionários e 2 pedagogos que atuam em turnos separados.

A realidade escolar observada pode caracterizar-se em tranquila, de modo que durante o período de estada do pesquisador na instituição, nenhum contratempo grave foi constatado, apenas os pertinentes a indisciplina de alunos.

Quanto ao trabalho dos pedagogos notou-se que parcela considerável de seu tempo é direcionado a tarefas burocráticas e técnicas da Gestão pedagógica escolar, dificultando seu contato com outras atividades que lhes dizem respeito como projetos de incentivo a alunos, mediação da formação continuada dos professores e outras neste enfoque.

Lopes (s.d, p. 2) corrobora esta visão ao enfatizar que “os pedagogos [...] afirmam não conseguirem trabalhar porque quando não estão atendendo alunos em sala [...] estão recebendo alunos retirados de sala por seus professores ou estão atendendo pais de alunos indisciplinados”.

Como meio de estabelecer um parâmetro sobre a visão dos segmentos escolares em relação aos pedagogos, foram desenvolvidas entrevistas com eles e com os demais sujeitos educativos da escola, a fim de visualizar a coerência do trabalho pedagógico desenvolvido na instituição e outras de similar relevância.

Para os pedagogos da instituição as entrevistas foram direcionadas a partir da perspectiva formativa, confrontação desta com a prática vivenciada na escola bem como a visão que ele possui de sua atuação e a forma como concebe esta a partir da receptividade dos segmentos escolares.

Constatou-se que o pedagogo A teve uma boa formação inicial e mesmo diante as dificuldades profissionais consegue articular mecanismos de intervenção no sentido de solucionar os desafios a ele impostos, mesmo os que não lhes compete diretamente. Este afirmou que parcela considerável do seu tempo é direcionado para atendimento de atividades que os próprios professores poderiam solucionar como alunos com comportamentos adversos nas salas de aula, e outras como a resolução de problemas que caberiam a própria direção.

Alegou sofrer com posturas discriminatórias quanto a seu trabalho, mas acredita que



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

sua atuação é de grande importância para a organização da escola. Possui uma visão crítica de seu papel enquanto mediador de práticas transformadoras, muito embora, tenha evidenciado as dificuldades e limitações operacionais desta ação na prática.

Para Lopes (s.d, p.3) “o trabalho do pedagogo, que deveria ser de articulador do trabalho pedagógico, da relação professor aluno, da relação ensino e aprendizagem, muitas vezes cede o lugar a ações alienadas, improváveis, vazias [...]”.

O pedagogo B, por sua vez, sente muitas dificuldades em sua atuação alegando não ter respaldo da instituição para atuar livremente, e considera sua formação inicial insuficiente para a resolução dos muitos conflitos encontrados nesta. Para este os segmentos escolares atribuem pouca importância ao seu papel na escola, considerando-o apenas algo vago e burocrático. Em razão de sua pouca experiência em atuar na Gestão escolar, alegou as dificuldades em desenvolver um trabalho mais coerente e efetivo na escola.

A este propósito é necessário que os cursos de pedagogia formem adequadamente os profissionais por ele habilitados “[...] atendendo a questões teóricas e metodológicas e a questões de fundamentos legais [...] pautados por uma intencionalidade, uma política, uma epistemologia, e pela pesquisa calcada nos saberes pedagógicos”. (SANTOS; SANTOS, s.d, p. 8).

Aos segmentos escolares, a entrevista buscou investigar a visão que possuem sobre os pedagogos, a importância que atribuem ao seu trabalho, avaliar a efetividade deste e o auxílio do pedagogo para que eles se organizem enquanto segmentos escolares na Gestão do Trabalho Pedagógico. Para tanto, considerou-se as entrevistas realizadas com professores, a equipe administrativa, e alunos da escola pesquisada.

Pela entrevista realizada com alguns professores, observou-se a concepção utilitarista que estes atribuem ao trabalho do pedagogo, concebendo-o como um tarefeiro, disponível para resolver os problemas de ordem primárias como indisciplina e dificuldades de aprendizagem, embora não aceitem a interferência deste na readequação de suas metodologias, sobre a justificativa do profissional não saber a especificidade de sua disciplina.

É relevante refutar a postura de tais educadores, ao evidenciar o papel do pedagogo enquanto o de mediador das práticas educativas, pois assume:

[...] junto com os professores uma ação corporativa, indagando, respondendo, questionando, opinando, apreciando, desnudando situações de ensino e aprendizagem, colocando-se como agente educacional que



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

contribui para a construção de uma prática de participação continuada onde os saberes e os conhecimentos possam se confrontar, construir e reconstruir. (MEDINA, 2005 Apud BOMFIM, s.d, p. 4)

Com a equipe administrativa da escola foi possível identificar uma visão mais coerente de pedagogo, sendo para eles um profissional de papel essencial na organização do trabalho pedagógico. Esta concepção é fruto, dentre outros, do fato de atuarem diretamente junto ao pedagogo, o que aponta o tempo que este dispense em ações técnicas e burocráticas, atividades estas que contribuem para visões como as acima elencadas de pedagogo utilitarista e limitado em suas potencialidades pedagógicas.

Os alunos possuem uma visão limitada do pedagogo, sabem que ele está para auxiliá-los em seu processo formativo, mas não tem clareza a respeito de como esse processo se efetiva, pois, dicotomicamente não o compreende em razão da escola não esclarecer a eles o como o papel do pedagogo manifesta-se na instituição.

Esclarece-se que é de extrema importância para o pedagogo, como expõe Silva e Leite (2010, p.10) a compreensão da realidade do aluno “[...] atento... as experiências que acontece com ele fora da escola, as suas barreiras, fragilidades e angustias [...]”.

Ao partir dos dados analisados nas entrevistas é relevante esclarecer que por ser uma escola pequena e um estudo de caso parcial, que as análises aqui obtidas não esgotam o assunto, e não podem generalizar outros contextos educativos do estado, mas apontam que, mesmo diante uma história de insuficiências, ainda, nesta escola, a visão de pedagogo é limitada e não contempla a efetiva identidade que lhe é atribuída legal e operacionalmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora um profissional de fundamental importância para o trabalho pedagógico escolar, o pedagogo é visto com menosprezo pelos segmentos escolares, e muitas vezes possuem uma concepção limitada de seu trabalho, atuando de forma vaga e contribuindo para análises deturpadas de sua finalidade educativa, que teve em sua historicidade respaldo para grandes polêmicas e insuficiências.

Com a finalidade de contemplar estes debates, insuficiências e na tentativa de



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

encontrar respostas para o que vem a ser o pedagogo e seu trabalho na escola, este artigo traçou um panorama teórico que pontuou, mesmo que sucintamente a história de polêmicas que o acompanhou desde a década de 1930 quando a profissão legitimou-se, até a atualidade, concebendo-o como um profissional unitário e mediador da gestão democrática.

Pelo estudo de caso, foi possível identificar que ainda existem resquícios da insuficiência identitária que acompanha o pedagogo, pois principalmente os professores o concebem como uma figura técnica e disponível para suprir as mazelas da ação docente que vivenciam.

É preciso que os pedagogos, mesmo diante os desafios que enfrentam, compreendam seu papel profissional, a sua identidade, e deste modo, desenvolva um trabalho que reflita as dimensões de sua ação enquanto um profissional essencial para a organização do trabalho pedagógico escolar. Um trabalho que não deixe margem a questionamentos preconceituosos e menosprezantes a respeito de sua atuação, e que ao responder o que de fato faz, saiba pontuar com clareza e consciência o “ser pedagogo”.

Este artigo procurou subsidiar a percepção que o pedagogo possui de sua profissão, dando respaldo, mesmo que breves, para o entendimento de sua identidade, servindo de suporte teórico para que todos os pedagogos lutem por uma atuação crítica e coerente, refutando o senso comum que permeia sua ação profissional.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. [et al]. **Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia no Brasil: disputas de projetos no campo da formação do profissional de educação**. Campinas: Revista Educação e Sociedade v.27 n.96, 2006.

ALMEIDA, C. M. de; SOARES, K. C. D. **Pedagogo Escolar – as funções supervisora e orientadora**. Curitiba: IBPEX, 2010.

BOMFIM, L. J. S. **A formação continuada e a ressignificação da prática pedagógica do Supervisor Escolar no cenário contemporâneo**. 2009. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos>. Acesso em: 02/06/2011.

BONKOSKI, C. **O papel do Pedagogo na mediação do plano de trabalho docente: alguns determinantes**. Disponível em: http://www.seed.pr.gov.br/portals/producoescqe/frm_exibirproducoespub.php. Acesso em: 12/05/2011.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Brasília: 2006.

EVANGELISTA, O. **Curso de Pedagogia: propostas em disputa**. 2005. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/pedagogia/Textos/OlindaEvangelista.htm>. Acesso em: 14/06/2011.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. **Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança**. Campinas: Revista Educação e Sociedade ano XX, n.68, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Diretrizes Curriculares da Pedagogia: Imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores**. Campinas: Revista Educação e Sociedade v.27 n. 96, 2006.

LIBÂNEO, J. C. O que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: **Conferencia no Fórum de Educação: "Pedagogo: que profissional é esse?"**. Belo Horizonte: Revista Gestão Universitária, 27/09/2002.

LOPES, M. A. P. **Pedagogo mediador e método de ensino**. Disponível em: http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/Equipe%20Pedagogica/producao_cidin_ha.pdf . Acesso em: 14/06/2011.

LUCKESI, C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO, N. D. **Iniciação a pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MARTINS, S. M. **O pedagogo e a organização de grêmio estudantil atuante política e pedagogicamente**. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/Equipe>. Acesso em: 22/05/2011.

SANTOS, F.; SANTOS, J. A. Bartoski L. **O professor pedagogo: sua história na perspectiva de uma práxis transformadora**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais>. Acesso em: 07/07/2011.

SILVA, C. S. B. **Curso de Pedagogia no Brasil: História e Identidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SILVA, F. S. F. **A identidade do Pedagogo e as novas Diretrizes Curriculares de Pedagogia**. 2008. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/167_519.pdf. Acesso em: 05/06/2011.

SILVA, M. R. S; LEITE, S. R. M. **Trabalho e Educação: implicações do mundo de trabalho na formação de pedagogos – aproximações**. 2010. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7->. Acesso em: 19/05/2011.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

URBANETZ, S. T.; SILVA, S. Z. **Orientação e Supervisão Escolar:** caminhos e perspectivas. Curitiba: IBPEX, 2008.